

ANUARIO DO MUSEU DA INCONFIDENCIA. — Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ouro Preto, 1953, ano II — 243 páginas.

Este segundo número do *Anuário do Museu da Inconfidência*, como o primeiro, publicado em 1952, também se apresenta muito rico de valiosa documentação e constitui para nós, um grato prazer, chamar a atenção dos estudiosos para esta excelente publicação. O sumário do presente número, é o seguinte: 1.º) Cartas de Jefferson a Maia (Vendek); 2.º) Documentos relativos ao seqüestro e os bens do Coronel Inácio José de Alvarenga; 3.º) Correspondência do Visconde de Barbacena com relação à Inconfidência Mineira; 4.º) Instrução para o Visconde de Barbacena; 5.º) Anexos (vários documentos de importância para a história da região de Minas; 6.º) Memória do êxito que teve a Conjuração de Minas.

Não nos cansaremos de repetir que é, graças a publicações como estas que se poderá refazer a nossa História, à qual faltam muitos dos elos necessários para a sua melhor compreensão. Louvamos, uma vez ainda, pois, a excelente iniciativa da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e fazemos votos para que continue a nos dar outros bons Anuários nos próximos anos.

J. CRUZ COSTA

\* \*

TAUNAY (Alfredo d'Escragolle). — *Memórias*. São Paulo, s-d., Edições Melhoramentos. 455 pp.

Apesar de ter aparecido já há algum tempo, somente agora, devido aos nossos inúmeros afazeres como professor, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e diretor desta *Revista de História*, nos foi possível ler as *Memórias do Visconde de Taunay*, em boa hora editada pelos Srs. Afonso d'E. Taunay e Raul de Taunay, na prestigiosa Editôra Melhoramentos de São Paulo. E lendo tão interessante obra não resistimos ao desejo de escrever algumas linhas recomendando a sua leitura aos nossos alunos.

Trata-se de obra evidentemente escrita ao sabor das recordações, tanto que há algumas repetições e se nota que foi feita numa redação para ser mais tarde, com vagar e tempo, remanejada. Como muitas vezes acontece, os acontecimentos e os afazeres não permitiram ao Autor reescrever as suas memórias. Ao mesmo tempo, muitos trechos se referem a outras obras suas que devem ser confrontadas para que se possa apreender tudo o que aconteceu a êsse ilustre homem público do nosso segundo Império. Por isso mesmo, essas memórias nos agradaram muito, pois são sinceras e revelam a personalidade do seu autor.

Infelizmente a obra abrange apenas o período desde a sua infância e adolescência até a Guerra do Paraguai, completada por algumas notas esparsas no fim do volume. Percebe-se que o Autor não teve tempo ou não pôde, com seus afazeres e falta de saúde, escrever a continuação que lançaria bastante luz sobre um dos períodos mais interessantes de nossa História, qual seja a volta

do nosso Exército da Guerra do Paraguai e a fermentação de tantas idéias sociais e políticas que levaram o Brasil à República, período que o Autor assistiu e colaborou como político e administrador. As recordações do Visconde de Taunay seriam, portanto, de grande valia para bem podermos compreender essa fase da evolução política da nação brasileira, sabendo, como sabemos, que era ferrenho monarquista.

A primeira parte da obra (1843-1858), nos mostra o ambiente reianante numa ilustre família francesa emigrada para o Rio de Janeiro e onde já se nota o impacto das coisas e das pessoas numa sociedade ainda em formação, sem classe média, como era a brasileira no início do Segundo Império.

A segunda parte (1858-1865) e também o fim da primeira, indica como funcionava o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro, como os seus mestres e diretores eram vistos pelos seus alunos que, como sempre, sabem fazer justiça aos bons e aos maus professores. Mostra também o interesse do Imperador pelo estudo de uma juventude que mais tarde iria ocupar os postos de mando nas carreiras militares, civis e administrativas do Império. Ainda nessa segunda parte podemos ver o ambiente reinante na Escola Militar, os seus mestres e o seu curioso ensino, mais bacharelesco e matemático do que propriamente militar.

A terceira parte (1865-1869), foi a que mais nos agradou, pois combatente que fomos das revoluções de 1930 e 1932 e ainda da Fôrça Expedicionária Brasileira na Itália, encontramos nessa obra muitas situações semelhantes as por nós vivida, episódios mais ou menos idênticos, sem com isso quereremos nem de longe nos comparar com o ilustre Visconde de Taunay. Notamos a mesma improvisação, a mesma imprevidência posta em evidência pelo curioso livro dos meus companheiros de farda: *Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB* (Instituto Progresso Editorial S. A. São Paulo, 499 pp.), tanto no exército que, atravessando o Mato Grosso, invadiu o Paraguai, como naquele que combateu na Campanha da Itália. Mas tanto num livro como noutro percebe-se o mesmo bom povo brasileiro, ordeiro, pacífico, que bem enquadrado, bem comandado pode perfeitamente acabar por organizar um bom exército e combater pelo porvir da pátria. Essa parte da obra também complementa de maneira feliz a grande obra do Autor, a famosa *Retirada da Laguna* e vemos aqui e acolá nascer, como êle próprio o indica os personagens de seu não menos famoso romance, a *Inocência*.

A quarta parte do livro (1869-1870), nos mostra o Autor com o Exército Brasileiro no teatro de operações do Paraguai. Ai o vemos traçado com felicidade o perfil de muitos cabos de guerra brasileiros, principalmente de Osório e Caxias, e também bosquejado o retrato, de uma maneira dura mais justa, do Conde d'Eu, que explica muito dos sucessos posteriores da nossa História, precisamente no período que precedeu à proclamação da República.

Como dissemos inicialmente, gostaríamos que a obra tivesse seqüência, pois é justamente a parte que está faltando, a que lançaria luz sobre um dos períodos menos bem conhecido da nossa História e é uma pena que o Autor não o tenha feito, se bem que alguma coisa do seu pensamento possa ser encontrado nas suas obras como o *Encilhamento*, *Reminiscências*, e *Homens e Coisas do Império*, mas falta-lhe uma unidade, uma seqüência que somente num segundo volume das *Memórias* poderia ser encontrado.

Nas notas esparsas no fim do volume encontramos curiosas páginas em que o Autor narra as suas vicissitudes como candidato a cargos eleitorais, em que vemos as atribuições de um politico à cata de votos. Muitas dessas páginas dir-se-iam escritas hoje em dia.

A obra só nos decepcionou num ponto: aguardávamos grandes revelações sobre os homens e coisas do fim do Segundo Império nessas *Memórias* inéditas, lacradas e depositadas sob sigilo no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro durante cinqüenta anos, mas nada encontramos que não pudesse ter sido publicado na época. Talvez questão de perspectiva dos acontecimentos vistos mui posteriormente ou expurgos que não acreditamos que os houvesse, tal é a proverbial honestidade do nosso Mestre Taunay que organizou o manuscrito para publicação, porque se expurgos tivessem havido ele o teria dito.

Concluindo, recomendamos a leitura dessa obra que muito nos agradou e que explica muita coisa da nossa História na segunda metade do século XX.

E. SIMÕES DE PAULA

\* \*

MAGALHÃES JÚNIOR (Raymundo). — *Três Panfletários do Segundo Reinado*. Brasiliana, vol. 286, Companhia Editôra Nacional. São Paulo, 1956, 277 págs.

Ainda há pouco dávamos aqui notícia dos excelentes serviços que Raymundo Magalhães Júnior vem prestando aos estudiosos da nossa história e da nossa literatura com a publicação dos seus trabalhos sobre Artur de Azevedo, Machado de Assis e com a *Correspondência* de D. Pedro II à Condeessa de Barral. Agora acaba ele de enriquecer a *Brasiliana* com um importante livro — *Três Panfletários do Segundo Reinado*.

Neste trabalho reuniu o Autor, três importantes panfletos, raríssimos hoje, do reinado de D. Pedro II: o de Francisco de Sales Tôrres Homem — *O Libelo do Povo*, aparecido em 1849 sob o pseudônimo de Timandro; o de Justiniano José da Rocha — *Ação; reação, transação*, publicado em 1855 e a *Conferência dos Divinos*, que saiu anonimamente em 1867 mas que logo seria reconhecida por Quintino Bocaiuva (figura que Magalhães deveria estudar) como sendo da autoria de Ferreira Viana.

“Só à custa de muito esforço e de muita paciência”, diz justamente Magalhães Júnior, é que conseguiram os estudiosos de assuntos históricos brasileiros obter exemplares desses documentos que são, no entanto, de grande importância para a compreensão da história política e para a história das idéias do Império. Só agora, graças à publicação de Magalhães Júnior foi-me possível ler o trabalho de Justiniano José da Rocha que eu, há muito procurava.

A cada um dos trabalhos agora enfeixados em livro, o Autor juntou um longo e cuidadoso estudo sobre os panfletos e seus autores. Bem sabemos que as notas de pé de página, por vezes aborrecem. Mas, em uma nova edição de seu livro, desejaríamos que Magalhães Júnior ajudasse ainda mais quem o lê, acrescentando em notas, as fontes, que são sempre preciosas para os leitores ver-